

APRESENTAÇÃO

Mídia e memória: visibilidades e resistências

Nas últimas décadas, a memória tem sido um objeto de representação recorrente em produções midiáticas, acompanhando o movimento de valorização do passado que emergiu nos discursos culturais e políticos do final do século XX. Nos diferentes trabalhos dedicados ao tema, como *Seduzidos pela memória* (2000) e *Culturas do passado-presente* (2014), Andreas Huyssen analisa a predominância do passado no presente a partir da formação de uma cultura e política da memória, e de sua globalização, refletindo sobre como a inter-relação da cultura memorialista com a indústria cultural e midiática transformou a memória em uma mercadoria consumida em massa e acabou por impulsionar também o esquecimento, com suas lembranças perecíveis. À cultura memorialística cruzam-se outros fenômenos contemporâneos que intensificam o protagonismo da memória na produção midiática, em especial a valorização da subjetividade e os novos ordenamentos de produção e consumo das artes, e da comunicação, propiciados pela era digital.

Se, por um lado, a massificação da memória pela indústria cultural e pela mídia promove sua banalização, os processos de revisão histórica realizados por minorias políticas e movimentos sociais, marcados por relatos pessoais e intenso recurso à memória, configuraram-se como uma forma de resposta e de resistência a políticas de silenciamento empreendidas por Estados e outros agentes políticos opressores. No contexto da América Latina, a subjetividade eclodiu especialmente na produção literária e audiovisual, por meio de narrativas biográficas e autobiográficas que demonstraram a importância das histórias pessoais e familiares para o alcance de visibilidade e participação na historiografia e escrita da memória nacional.

Nesse sentido, Beatriz Sarlo, em *Tempo passado* (2007), aponta que a valorização do testemunho como fonte para a reconstituição da história é um dos

indícios da guinada subjetiva nos discursos contemporâneos, a qual abarca tanto a revalorização do indivíduo como a necessidade de reconstituição da verdade – sobretudo histórica – a partir da rememoração da experiência. A memória individual converte-se, nesse contexto, em ferramenta política de contestação a versões oficiais da história e de acesso a outros pontos de vista, assim como permite recuperar histórias invisibilizadas ou que sofreram a tentativa de extinção, como a de indivíduos e comunidades socialmente marginalizados.

Acompanhando o movimento de subjetivação dos discursos e de protagonismo do passado no presente, a representação da memória em produções midiáticas tem se expandido para formatos não tão convencionais, como animações, quadrinhos, mídias digitais, podcasts e outros meios, revelando novos agentes produtores de conteúdo e inserindo outros pontos de vista nos discursos midiáticos. No conjunto dessas produções, destacam-se as narrativas que se movem entre os campos do factual e do ficcional, que mesclam convenções de gêneros estilísticos e adotam estruturas de produção mais horizontais, renovando tanto as abordagens discursivas como também as formas de produção e distribuição das mídias.

Dentro dessa conjuntura, este Dossiê tem como proposta apresentar reflexões sobre como a memória tem sido tensionada em produções culturais e midiáticas contemporâneas, por meio da produção de grandes veículos de comunicação ou de minorias sociais e ativistas políticos que recorrem ao poder eloquente do testemunho como arma para a promoção de políticas reparadoras, para a resistência a formas de opressão, afirmação identitária ou alcance de visibilidade social, com trabalhos em diferentes modalidades midiáticas e abordagens narrativas, sejam elas jornalísticas, literárias ou audiovisuais.

As relações entre mídia e memória são trabalhadas em diferentes perspectivas nos sete artigos que compõem o Dossiê, que se inicia com o texto “Mídia e memória da ditadura brasileira: a história e os usos políticos do passado”, de autoria de Ana Paula Goulart Ribeiro e Rachel Berthol. Tendo em vista os modos de funcionamento das mídias e os estudos de memória, as autoras examinam a relação da mídia nacional com o atual momento de debates, disputas e tentativas

de silenciamento do passado sobre a ditadura civil-militar brasileira, analisando o processo de conflito em torno da memória nacional sobre a ditadura, o qual se tornou mais intenso no governo de Jair Bolsonaro e na pandemia de Covid-19. Em sintonia, Cláudio Novaes Pinto Coelho aborda a memória da ditadura brasileira a partir de seu uso recente como estratégia de marketing pelo jornal *Folha de S.Paulo*, no artigo “A memória da ditadura militar e seu uso como estratégia de marketing na sociedade do espetáculo”. Recorrendo a uma perspectiva histórica sobre os produtos midiáticos que tematizaram o período da ditadura militar, o autor analisa até que ponto as produções midiáticas produzidas no Brasil, especialmente a campanha do referido jornal, podem ser consideradas como contribuições reais para o conhecimento histórico desse período.

A memória como objeto de disputa na produção de sentidos é também tematizada por Mozahir Salomão Bruck, Herom Vargas, Jeane Moreira e em “Memória, poder e verdades: disputas de sentidos no acionamento do memorável no caso do Fundão”, com a análise comparativa das narrativas divergentes do jornal comunitário *A Sirene* e dos vídeos de *storytelling* da Fundação Renova, entidade responsável pela mobilização para a reparação dos danos causados pelo crime socioambiental ocorrido em Minas Gerais, com rompimento da Barragem do Fundão em 2015. Nesse texto, a memória dos moradores atingidos é matéria-prima das produções midiáticas mencionadas e as diferentes abordagens revelam os conflitos, as disputas e os jogos de poder em torno da memória compartilhada sobre o ocorrido, ecoando as observações de Jacques Le Goff em *História e memória* (2003), sobre como a memória coletiva pode ser tanto um instrumento como um objeto de poder.

Em “Sarau Asas Abertas: memórias e resistência em forma de imagens visuais e de poemas”, Barbara Heller, Vima Lia de Rossi Martin, Anderson William Marzinhowsky Benaglia e Fernanda Mendes Soares Barreiros chama atenção para a importância de grupos sociais excluídos e estigmatizados pelas mídias participarem na construção da memória coletiva, ao analisar as memórias produzidas por mulheres em situação de privação de liberdade publicadas no

livro *Sarau Asas Abertas*, coletânea de poemas de mulheres aprisionadas na Penitenciária Feminina da Capital (PFC), em São Paulo. Os autores identificam no texto e imagens do livro o recurso à memória como estratégia de resistência à invisibilidade e ao silenciamento que essas mulheres enfrentam na sociedade, com uma estigmatização que repercute na abordagem de suas histórias pela imprensa de modo geral. A reação contra o silenciamento de um grupo socialmente marginalizado é tema também do texto de Guilherme Sfredo Miorando, “Os quadrinhos silenciosos contra a memória de silenciamento dos queer: identidade e sexualidade em Quadrinhos Queer”, que analisa a expressão do silêncio em narrativas gráficas produzidas por pessoas *queer*, no livro *Quadrinhos Queer*, em correspondência com a falta de voz que elas sofrem socialmente. Nos quadrinhos silenciosos analisados pelo autor, a expressão da arte e da memória são meios para construir representações e representatividades, assim como para romper com o silenciamento social e com o senso comum envolvendo pessoas *queer*.

O conceito de “memória do futuro” é articulado no texto “Memórias do futuro, utopias e heterotopias em territórios rurbanos: os sete povos do norte de Minas”, por Mônica Rebecca Ferrari Nunes, Marco Antonio Bin e Débora Regina Bacega, que analisaram a produção escrita e audiovisual disponível na internet de organizações não governamentais que atuam junto a comunidades tradicionais do norte de Minas. Buscando compreender como se dão as relações entre memória, utopia e heterotopias nos espaços dessas comunidades, as autoras e o autor examinaram como as memórias tradicionais das comunidades são convertidas em arquivos digitais e, articuladas com uma memória midiática, podem ser acessíveis no futuro. Fechando o Dossiê, Carlos Falci examina a produção recente da rede/coletivo de projetionistas “Projetemos”, disponibilizada no Instagram, com a temática da pandemia da Covid-19 e da vacinação no Brasil, traçando uma relação entre projeções urbanas e memória. Considerando o perfil da rede “Projetemos” como um tipo de arquivo dinâmico, o autor investiga de que forma a memória da pandemia no Brasil é constantemente refeita, tanto de forma efêmera, nas projeções em espaços abertos, como de maneira perene, em plataformas de distribuição de conteúdo audiovisual da internet.

A diversidade de produções – e de formatos artísticos e comunicacionais analisados pelas autoras e autores deste Dossiê – atesta como o interesse pela memória e sua interrelação com a produção midiática é um fenômeno que vem florescendo na era digital. O registro de memórias em produções artístico-culturais e no jornalismo, e a análise de discursos que atuam na construção e visibilização de memórias sob disputa, ignoradas ou silenciadas, constituem os principais objetos examinados pelos autores citados. Espera-se, com este Dossiê, apresentar uma contribuição para a ampliação e atualização dos estudos e reflexões sobre a conexão entre mídia e memória, expondo como essa relação se faz relevante para a compreensão dos processos sociais, culturais, identitários e históricos vividos hoje.

Jennifer Jane Serra

Rosana de Lima Soares

junho de 2021